

Página Inicial

Especial - Acordo Ortográfico

Agenda de Eventos

Artigos e Ensaios

Blog

Livros

Polêmica nas Letras

Reflexões sobre o ensino de língua(s)

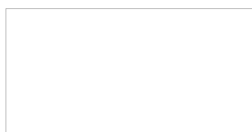
Resenhas

Textos literários

Edições Anteriores



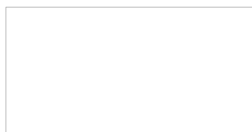
Veja também



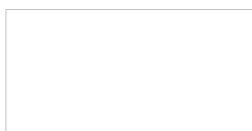
Biblioteca Digital Mundial



Ceditec



Comunidade dos Países
de Língua Portuguesa



Dicionário de Termos Lingüísticos

PARA ALÉM DA FORMAÇÃO DA MEMÓRIA, SEGUNDO HALBWACHS: OS MERGULHOS DO GALINHA TONTA NO IMAGINÁRIO DO VELHO CHICO

Maria Generosa Ferreira Souto^[1]

Considerando o pressuposto básico das análises discursivas, que parte das condições de produção das narrativas orais, examinaremos uma narrativa das barrancas de São Francisco, narrada por Edvalson Bispo dos Santos, cujo codinome é "Galinha Tonta". É válido lembrar que foi colhida entre um grupo de barranqueiros do Vale do São Francisco, em Minas Gerais e dentre todas, uma, apenas, foi escolhida para travar este debate.

Naquela região barranqueira, a memória coletiva no dizer de Maurice Halbwachs (2004) consiste na afirmação de que a memória individual existe sempre a partir de uma memória coletiva, posto que todas as lembranças são constituídas no interior de um grupo. Sendo assim, a origem de várias idéias, reflexões, sentimentos, paixões que atribuímos a nós são, na verdade, inspiradas pelo grupo. A disposição de Halbwachs acerca da memória individual refere-se à existência de uma "intuição sensível".

Assim, vejamos o que ressalta Halwachs:

Haveria então, na base de toda lembrança, o chamado a um estado de consciência puramente individual que - para distingui-lo das percepções onde entram elementos do pensamento social - admitiremos que se chame intuição sensível (HALBWACHS, 1950: p.41).

Para o autor, Tal sentimento de persuasão é o que garante, de certa forma, a coesão no grupo, esta unidade coletiva, concebida pelo pensador como o espaço de conflitos e influências entre uns e outros (HALBWACHS, 1950: pp.51-2). A memória individual, construída a partir das referências e lembranças próprias do grupo, refere-se, portanto, a "um ponto de vista sobre a memória coletiva". Olhar este, que deve sempre ser analisado considerando-se o lugar ocupado pelo sujeito no interior do grupo e das relações mantidas com outros meios (HALBWACHS, 2004: p.55).

Iniciaremos a matutar sobre a análise do mito, observando que desde o título já se delinea o tom enigmático: "Os mergulhos do Galinha", que analisaremos mais adiante.

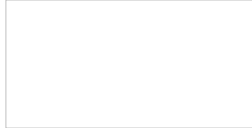
Os mergulhos é o seguinte: Eu tinha o costume de ir nadar no rio, né? De mergulhar e tudo. Minha mãe dizia:

"- Minino, você não vai nadar no rio que é muito pirigoso."

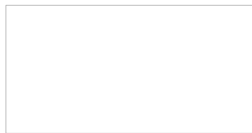
Então, eu mergulhava iscondido, pegava aqueles "carizinhos" e tudo. E depois chegava:

- Ó, mãe, o que eu peguei!

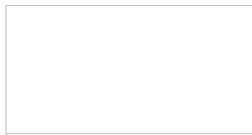
"- Eu num já falei com você que não mergulhasse no rio? Uma vez cê vai arrepender, que é muito pirigoso!"



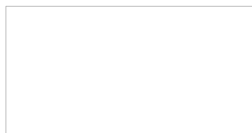
Domínio Público



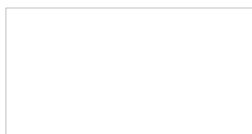
GEScom



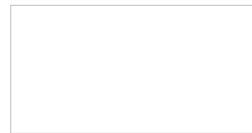
GETerm



iLteC



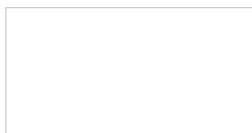
Institut Ferdinand de Saussure



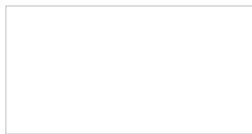
Portal de Periódicos Capes



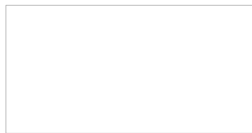
Portal de Revistas Científicas Persee



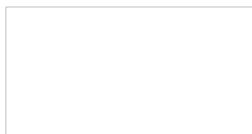
Revue Texto!



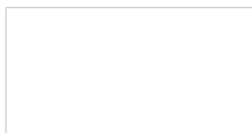
Texto livre



TRIANGLE



UEHPOSOL



Universia

Aí, certa vez, fui mergulhar nas pedreiras, onde tem a Copasa. Aí eu peguei, mergulhei, dei o primeiro mergulho. Quando eu mergulhei a primeira vez, tinha uma... uma pessoa estranha lá na minha frente, uma moça. E eu falei:

- Meu Deus! Como é que é isso?

Aí ela começou dançar ni meu rumo. Aí eu falei assim:

- É uma moça e é bunita! De longe dava pra ver os cabelão, mas num dava pa vê o rosto direito. Aí eu peguei e fui lá em cima, tomei folgo, fui até a superfície para tomar o ar. Tornei mergulhar, aí ela chegou mais perto de mim, cada vez mais perto de mim, dançando, rebolando... aí, minino, quando foi no terceiro mergulho, aproximou bem perto de mim. Aí deu pra mim ver aquele rosto feio. Tinha um só olho no meio da testa e... assim... era careca e dos lados assim era cabeludo... aquele cabelo grande... aí... aí quando eu peguei aquilo, quando ela abriu a boca pra mim e fez assim: "nhááá..." fez assim... e eu vi os dente, aquela presa enorme, eu me assustei, fui duma vez pra superfície, quando eu falei assim, ne minha cabeça vei "eu vô imhora, eu vô imhora". Quando eu fui pra subir, ela ainda tentou pegar meu pé. Levou aquela unha enorme no meu pé, tentou pegar e aí eu iscurreguei e subi. Aí eu peguei, saí na superfície assim, cumo coisa qui eu tava afogano, apavorado. Aí no alto do barranco tinha um senhor, chamado Beneco, né? Um velho aqui da cidade, muito conhecido meu, me chamava de Nego. Aí quando ele viu que eu saí apavorado, nadando pra fora, pra fora do rio, ele perguntou:

"- Nego, o que foi? O que é qui cê saiu cum esse olho desse tamanho, o que foi? Parece que viu uma assombração?"

- É, seu Beneco. Realmente. Eu vi uma mulher ali, nadando. Mas quando eu fui vê no terceiro mergulho, num é mulher não, é um bicho. Um trem cabeludo, com uns dente cumprido, um trem mais feio. Tem um oio no meio da testa.

Aí seu Beneco num acreditou, né? Aí ele ficou olhando pra lá e eu falei:

- Foi bem ali. Quando eu mostrei, aquele negócio saiu, fez uma maretá, vei, deu aquela maretá grande e fez uma zuada no rumo lá. Quando seu Beneco olhou pra lá, aquele bicho mostrou primeiro a cabeça enorme com aquela cabelação toda e em seguida o rabo cumprido, um rabo de peixe. Aí tinha mãos, como mãos de humanos, né? Mas o corpo de peixe assim. E o rabo bateu "pá" e... e... foi. Aí eu Beneco ficou tão atordoado, tão assim... que ele falou:

"- É, Nego, vou pra casa."

Me chamava de Nego, né? Como eu disse. Ele pegou e... Gali... Nego, vou pra casa. Aí ele foi descendo e invés dele ir pra casa dele que é rumo do Peixe-Vivo, uma buate que temos aqui, que era próximo à residência dele, não, ia descendo pro rumo da minha casa, né? Aí eu disse assim:

- Não, seu Beneco, a casa do sinhô é por aqui.

Foi prciso eu pegá na mão dele, né? Peguei na mão e levei até a residência dele. Aí cheguei lá, Dona Nedina:

"- Uai, Beneco, que qui cê tem?"

"- Uai, muié, vi um trem ali... qui num deu pra encará não. Nego viu um trem lá, qui eu num sei o que era aquilo, era uma mistura de gente cum peixe. Eu num acreditei não, mas ele falou cumigo, quando eu oiei eu vi, mas eu tô assim, sintino mei istranho."

Aí, chegou lá e pediu uma cadeira, sentou todo atordoado, aí ele começou contar a história lá para o pessoal e eu fiquei. Aí depois eu fui pra casa, cheguei, contei minha mãe e ela falou assim:

"- O que qui eu falei pra você, que não fosse pro rio?"

Eu gostava de ir no rio. A partir desse momento eu num fui mais merquiá no rio. E mãe: "uai, minino, cê parô de ir no rio?", pois é, é pur isso... até hoje, essa idade que eu tô, eu num tenho coragem de mergulhá no rio, por conta desse fato. Eu num sei o que eu vi lá, se era Caboclo d'água, se era Mãe d'água, sei lá qui mistura era, mas que realmente eu vi, eu vi. Eu tenho certeza que eu vi. Era isso que eu tinha pra dizê.

“Galinha Tonta” é o apelido de Edvalson Bispo dos Santos, um rapaz solteiro, de quarenta e dois anos, residente na cidade de São Francisco (MG). Edvalson ganhou esse codinome porque rodopiava até cair, quando criança, como uma galinha tonta. É um poliglota. Fala, lê e escreve, fluentemente, em inglês, japonês e alemão. Em ocasião dos meus estudos na UFMG, Galinha Tonta se hospedava em minha casa para traduzir textos de Antropologia, Literatura, Identidade Cultural, da língua inglesa para a língua portuguesa, a meu pedido, a fim de ajudar-me.

Segundo o narrador, aprendera a falar através de sonhos, que envolviam três crianças dos países das línguas em questão. Este fenômeno pôde ser comprovado pelo vigário da cidade, Pe. Vicente, alemão que vive em São Francisco há mais de quarenta anos; o inglês foi comprovado pela professora Mariléia de Souza, da Universidade Estadual de Montes Claros, que travava diálogos quase sempre com ele, quando ministrava um curso na cidade de São Francisco.

Estivemos com ele em duas escolas de línguas estrangeiras na cidade de Montes Claros, quando foram feitos testes avaliativos no tocante à fala e gramática. Ficou comprovado que Galinha Tonta possui, de veras, dotes lingüísticos, sem nunca ter freqüentado escola. O idioma japonês foi testado por imigrantes que trabalharam e moraram na região, há uns vinte anos atrás. O narrador ganhou alguns livros velhos e está estudando, hoje, sozinho, a fonética e a gramática das línguas francesa, italiana e espanhola. Estudou apenas o MOBRAL e concluiu a quarta série primária do Ensino Fundamental. A língua portuguesa do Brasil, para ele, é língua materna, mas acha uma complicação as várias concordâncias da variante culta.

Por onde passa, Galinha Tonta deixa visível o seu carinho com as crianças. Automaticamente, crianças se aproximam dele, independente de serem chamadas ou não, atraídas pelo sorriso fácil e pelos causos espontâneos. O seu maior sonho é construir uma escola de línguas estrangeiras para ensinar a crianças carentes de São Francisco. Para isto, montei para ele o Projeto Fala Menino, na tentativa de desenvolver e fazer viver o seu grande anseio sófístico.

Convivendo com Galinha Tonta, faz-me lembrar dos sofistas, na Antiga Grécia, principalmente Sócrates. Para escândalo dos contemporâneos, eles costumavam cobrar pelas suas aulas, o que não faz Galinha Tonta. Cabe aqui um reparo: na Grécia Antiga, apenas os nobres se ocupavam com o trabalho intelectual, pois gozavam do ócio, da disponibilidade de tempo decorrente do fato de que o trabalho manual, de subsistência, era ocupado por escravos. Os sofistas eram homens saídos da classe média, que faziam das aulas seu ofício, já que não eram ricos suficientemente para filosofarem sem compromisso. Até hoje os professores são mal-remunerados. Tanto porque as pessoas se recusam a pagá-los de forma semelhante ao que pé feito aos profissionais liberais, tanto porque os próprios professores sofrem da “síndrome de Sócrates”, nada cobravam, nem cobram, como é o caso de Galinha Tonta.

Retomando o mito é válido tomar de empréstimo o pensamento coletivo, a memória coletiva de que tanto contribuiu Maurice Halbwachs consiste na afirmação de que a memória individual existe sempre a partir de uma memória coletiva, posto que todas as lembranças são constituídas no interior de um grupo. A origem de várias idéias, reflexões, sentimentos, paixões que atribuímos a nós são, na verdade, inspiradas pelo grupo. A disposição de Halbwachs acerca da memória individual refere-se à existência de uma “intuição sensível”.

Vejamos:

Haveria então, na base de toda lembrança, o chamado a um estado de consciência puramente individual que - para distingui-lo das percepções onde entram elementos do pensamento social - admitiremos que se chame intuição sensível” (HALBWACHS, 1950: p.41).

Inicia-se a narrativa confirmando a intencionalidade do narrador/locutor que quer mais do que divertir ou entreter. Ele quer apresentar uma narrativa moralizante, que faça seu auditório reconhecer os valores éticos. Poderíamos, também, já pelas primeiras linhas, perceber que, em nossa narrativa, o locutor será do tipo narrador coletivo, aquele que utiliza a moral social como referência para direcionar sua fala. Sua voz nos transmitirá a visão e os valores da sociedade à qual se dirige. Veremos ainda que, sendo a voz do

locutor a voz social, ela assimila à sua, a voz da mãe, que desconfia e repreende, com medo de que algo lhe aconteça.

O narrador inicia o “causo” contando que era costume seu nadar e mergulhar no rio São Francisco, mesmo a contragosto da mãe, que o protegia das águas do imaginário: “Minino, você num vai nadar no rio que é muito perigoso.”³⁸

Galinha Tonta mente, peca mais pelo prazer que sente, do que pela ação em si de nadar e mergulhar profundamente. Delineia-se, principalmente, a imagem do mergulhar, do insaciável, capaz de, sem culpa, agir contra o estabelecido pela mãe. Eis a imagem da mãe repreensora, armazenada na memória coletiva e acionada na memória do narrador: “Eu mergulhava iscundido, pegava aqueles carizinhos (...) e dizia: Ó, mãe, o que eu peguei”.³⁹

A mãe, segurança e abrigo, repreendia o filho. Simboliza a sublimação mais perfeita do instinto e a harmonia mais profunda do amor. Mas às vezes, conforme Gheerbrant (2000:582), é o lobo, o grande lobo mau, que pode conter uma alusão à imagem materna, inquietante, feroz, voraz quando repreende desejando, ou “rogando uma praga”: (“uma vez cê vai arrepende, que é muito pirigoso!”).

Ouvindo isso de sua mãe, o narrador se vê diante do caráter contraditório dos instintos, pois seu desejo de ser mimado e acarinhado por sua mãe vai de encontro ao seu exato oposto, a fúria indomável e o rigor da mãe. Mãe castradora, mas que conhecia o perigo de se mergulhar profundamente nas águas do opará.

No sétimo parágrafo, o Galinha Tonta desobedece à mãe e mergulha: “Quando eu mergulhei a primeira vez, tinha uma uma pessoa estranha lá na minha frente, uma moça.”⁴¹ Era, naquele momento, um rio. O narrados imerge assustado e ao mesmo tempo curioso.

Não conseguiríamos entrar duas vezes no mesmo rio. De fato, era um outro rio, era um outro momento para o Galinha. Existe um rio para cada homem que mergulhar em suas águas. No sentido simbólico do termo, penetrar (ou mergulhar) num rio significa, para a alma, entrar num corpo. O rio toma o significado do corpo. O corpo tem uma existência precária, escoá-se como a água. A alma seca é aspirada pelo fogo; a alma úmida é sepultada no corpo; e cada alma possui seu corpo particular, a parte efêmera de sua existência – seu próprio rio.

O simbolismo do rio e do fluir de suas águas é, ao mesmo tempo, o da possibilidade universal e da fluidez das formas, o da fertilidade (plantações nas vazantes), o da morte (a esterilidade em que se transformou o sertão vai sendo carregada para dentro do Chico)⁴² e da renovação (novas águas, desovas dos peixes e a piracema). O curso das águas é a corrente da vida, mas também da morte.

O Chico grita, responde a tanto aperto. Supita, deixa seu leito, avança pelos barrancos, toma outras trilhas e vai carregando casas, roças, pontes... Não faz de maldade maior e precipitada, dá muitos avisos, enquanto se avoluma, não é para machucar ninguém. É só protesto por tanta dor guardada, sem resposta. O homem continua voraz na vontade de acabar com o sertão e matar o Chico (MELO, 1998:93).

O narrador estava vivo, era um exímio mergulhador. Com certeza, vira “uma moça bunita!” “De longe dava pra ver os cabelão, mas num dava pa vê o rosto direito. Aí eu peguei e tomei folgo, fui até a superfície para tomar o ar”. Neste exato momento nascia um conto maravilhoso (PROPP, s/d:10). Da forma como conta o narrador, os elementos estão na origem das formas mitológicas. Uma vez contados, essas formas ritualizam-se, convertendo-se em símbolos. A maneira em si, pela qual uma função ou ação se realiza, pode mudar, é um valor variável, mas a função em si é um valor constante, é um símbolo constante, é um símbolo do São Francisco.

O rio São Francisco já não era o mesmo, nesse segundo momento de imersão do Galinha:

Tornei mergulhar, aí ela chegou mais perto de mim, cada vez mais perto de mim, dançando, rebolando...⁴⁵

Curiosidade, encanto, medo, fascinação e magia. O narrador busca sua fonte no imaginário e na memória coletiva, de forma que todo ouvinte ou leitor possa se identificar, dando sentido ao que ouve ou lê. Darnton (1986: 229) nos mostra, trabalhando com contos populares do século XVIII, que, por trás das tramas padronizadas e temas convencionais, entre fantasias, ogres e duendes, os contos revelam elementos de realismo.

Vale dizer, com isso, que a narrativa em questão traduz bem as verdadeiras razões para não se mergulhar profundamente no Velho Chico, não enquanto narrativa fotográfica, mas permitindo que se localize um substrato de realismo social barranqueiro.

O narrador descreve uma moça, sem ver o rosto, que dança e rebola dentro d'água. Percebemos aí uma relação com as Ondinas, "fadas das águas, geralmente maléficas, que se oferecem para conduzir viajantes pescadores no meio de rios e pântanos, mas que os extraviam e os afogam". As Ondinas têm uma cabeleira verde-mar que elas vêm graciosamente pentear na superfície das águas; são todas belas, maliciosas e às vezes cruéis. Têm prazer em atrair para junto delas o pescador ou belo cavaleiro que passa perto do rio; raptam-no e o transportam para o fundo de seu palácio encantado, onde os dias passam tão rápidos como os minutos.

As lendas barranqueiras são mais sombrias e mais apaixonadas: o belo jovem arrastado pelas Ondinas para o fundo das águas não mais revê o dia e morre exaurido entre seus braços. Simbolizam, também, os sortilégios da água e do amor ligados à morte; os perigos de uma sedução, a que alguém se abandona sem controle.

No terceiro mergulho, o narrador viu aproximar de si uma moça, não como sempre ouvira dos velhos pescadores, mas uma moça de rosto feio: "tinha um só olho no meio da testa e... assim... era careca e dos lados assim era cabeludo... aquele cabelo grande... e quando ela abriu a boca pra mim e fez assim: nhááá... e eu vi os dente, aquela presa enorme, eu me assustei e fui numa vez pra superfície..."

Baseando na descrição da Galinha Tonta, a Ondina, a moça, o monstro possuía um corpo grotesco, cuja imagem pode ser lida segundo a concepção de Bakhtin, "uma imagem grotesca do corpo" (BAKHTIN, 1996:299). As imagens do corpo grotesco daquela criatura estavam disseminadas por todo o rio naquele momento, mas não eram imagens habituais, eram imagens rabelaiseanas que constituem uma verdadeira galeria de imagens do corpo híbrido, personagem dotada de anomalia física: com um olho só na testa. Conforme Bakhtin,(1996, op.cit:303) tudo isso constitui as fantasias anatômicas de um grotesco descabelado, que gozavam de imenso favor na Idade Média; mas que ainda vivem, pensamos, no imaginário do povo barranqueiro em plena era contemporânea..

Galinha Tonta sentiu medo pela primeira vez em seus mergulhos e pensou: "eu vô imhora, eu vô imhora". Nesse momento lembrou-se dos conselhos da mãe, da sua desobediência, e as imagens se multiplicavam, ainda dentro do rio, numa íntima imensidão de água, numa íntima imensidão interior. Bachelard diz que "por paradoxal que pareça, é freqüentemente essa imensidão interior que dá sua verdadeira significação a certas expressões referentes ao mundo que se oferece à nossa vista".

A imensidão, entendida aqui, como grandiosidade na produção de sentidos, de lembranças, de limites, seja do construto do medo ou da culpa. Está presa a uma espécie de expansão do ser que a vida (ou o momento) refreia. A imensidão é o movimento do homem imóvel. Imóvel pelo medo ou pela culpa da desobediência.

Ainda no décimo parágrafo, retoma com a "volta" do corpo híbrido rabelaiseano. "Quando eu fui pra subir, ela tentou pegar meu pé. Levou aquela unha enorme no meu pé e aí eu iscurreguei e subi apavorado". Seria uma Ondina? Seria uma Sereia? Seria a Mãe d'Água? Elas simbolizam a autodestruição do desejo, ao qual uma imaginação perversa apresenta apenas um sonho insensato, ao invés de um objeto real e uma ação realizável.

Conforme Chevalier e Gheerbrant,(1982: 814) Sereias/Mães d'Água são monstros da água, com cabeça e tronco de mulher e o resto do corpo igual ao de um pássaro ou, segundo lendas posteriores e de origem nórdica, de um peixe. Representam os perigos da navegação marítima e a própria morte. A Sereia foi considerada a alma do morto que perdeu o seu destino e transformou-se em vampiro devorador.

Na imaginação tradicional, o que prevaleceu foi o simbolismo da sedução mortal. Foi justamente o que aconteceu ao Galinha Tonta, quando conseguiu escapar da "morte" e confidenciar ao seu amigo, que não acreditou imediatamente, acerca daquela assombração. A assombração possuía metade peixe (com rabo comprido) e metade humana. De repente, os dois olharam para a imensidão das águas e, juntos, viram pela última vez emergir aquele corpo grotesco que o narrador não deixou claro tratar-se de Mãe

A partir do décimo-quarto parágrafo, o narrador deixou explícito que Seu Beneco havia acreditado nele e ficou numa espécie de hipnose, calado, atônito, boquiaberto e conseguiu reafirmar à sua esposa que vira um ser mistura de gente com peixe. Era, naquele instante, o mito ressurgindo, surpreendentemente, através de um jogo de palavras, a fala matreira produzindo um efeito comum à construção do respeito às águas do Velho Chico, que nos assombram e nos encantam.

O penúltimo parágrafo nos apresenta a seqüência final: o filho desobediente que retorna à sua casa e comenta com a mãe o acontecido, momento em que reconhece que não deverá ir mais ao rio e promete que a partir daquele momento jamais voltará a mergulhar no rio e reconhece que a mãe sempre esteve certa. E ela, ironicamente, diz: "Uai, minino, cê parô de ir no rio?"⁵².

A enunciação irônica da mãe apresenta um ponto de vista que o próprio filho considera absurdo, mas obedece porque viu e acredita nos fenômenos sobrenaturais aquáticos.

A partir desse momento, o narrador assume responsabilidade sobre ele, mas faz esse ponto de vista ser atribuído à sua mãe. A ironia da mãe do narrador não está localizada numa forma específica, mas é um efeito de sentido apreendido ao nível do discurso.

Retomando a fala de Darnton, que reforça os pressupostos básicos de uma análise discursiva, concluiríamos, confirmando a estreita relação entre a arte de narrar e o contexto no qual a narração ocorre: "É preciso passar do texto para o contexto e depois voltar para o texto, examinando a maneira como o narrador adapta o tema herdado à sua audiência, de modo que a especificidade no tempo e lugar apareça através da universalidade do motivo." (DARNTON, 1986:68).

REFERÊNCIAS

BAKHTIN, Mikhail. *A cultura popular na Idade Média e no Renascimento*. Trad. Frateschi Vieira. São Paulo: Hucitec, Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 1996.

CHEVALIER, Jean e GHEERBRANT, Alain. *Dicionário de símbolos*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1997.

DARNTON, Robert. *O grande massacre de gatos e outros episódios da história cultural francesa*. Rio de Janeiro: Graal, 1986.

HALBWACHS, Maurice. *La mémoire collective*. Paris: Presses Universitaires de France, 1950.

MELO, João Naves de. O homem e suas tempestades. In: *Agonia do São Francisco*. Belo Horizonte: Arapaim Ltda., 1998.

Recebido em 5 de abril de 2010

Aceito em 20 de maio de 2010

^[1] Professora da Universidade Estadual de Montes Claros. Unimontes. Mestre em Letras. Doutora em Comunicação e Semiótica. Pesquisadora d e Literatura e Imaginário Popular. Docente do Programa de Pós-graduação em Letras/Estudos Literários da Unimontes. E-mail: generosas@hotmail.com

³⁸ Voz do informante Galinha Tonta, de São Francisco – MG.

³⁹ Voz do informante Galinha Tonta, de São Francisco – MG.

45 Voz do informante Galinha Tonta, de S.F/MG.

52 Voz do informante Galinha Tonta, de São Francisco – MG.



Todos os textos publicados podem ser livremente reproduzidos, desde que sem fins lucrativos, em sua versão integral e com a correta menção ao nome do autor e ao endereço deste site (www.lettras.ufscar.br/linguasagem).

